

Areia para os olhos

XANA

Algarve – Portugal (praia da Rocha - Portimão, praia de Santa Eulália, praia de São Rafael - Albufeira e praia de S. José - Quarteira), Verão 2008.

Curadoria: João Fernandes para a exposição *Holidays in the Sun*

Esta intervenção foi realizada para a exposição *Holidays in the Sun*, a convite do curador João Fernandes, Director do Museu de Serralves. O título cita uma antiga canção dos Sex Pistols e foi o ponto de partida para a apresentação de nove trabalhos de artistas portugueses e estrangeiros que intervieram em espaços públicos não convencionais do Algarve.

Como escreveu João Fernandes para este projecto:

“Em férias o mundo não pára, apesar da aparente suspensão do tempo e das agendas que redefine o quotidiano nesses dias que marcam uma excepção no calendário anual do trabalho. Os jornais continuam a ser editados, a televisão continua a transmitir notícias e todos nós, nas nossas férias, fomos já sobressaltados por acontecimentos que nos despertam para esse mundo que pensávamos ter esquecido.”

Foi neste contexto curatorial que apresentei um conjunto de instalações/performances intituladas globalmente **Areia para os olhos**, título obviamente de referência irónica aos espaços das praias, locais onde as intervenções se realizaram. As intervenções foram apresentadas semanalmente, de Junho a Setembro de 2008, no areal de diversas praias do Algarve onde foram construídas arquitecturas efémeras, com produtos industriais de plástico (baldes e contentores comerciais). Foram concebidos quatro modelos de instalação diferentes que se pretenderam potenciadores de interferir na rotina do turista veraneante, introduzindo elementos escultóricos, que potenciassem a produção de um discurso poético nos espectadores.

E foi a partir das performances dos "actores" (assistentes de montagem) que se estabeleceram possíveis ligações às memórias do quotidiano dos cidadãos relacionadas com o acto de construir, a ideia de muro, de ponte e porta.

Tratam-se de intervenções eminentemente visuais e espaciais que, apesar da sua estranheza, remetem para lógica das construções arquitectónicas, e pelo inesperado provocam uma interpelação espontânea dos utilizadores da praia e uma tentativa de leitura imediata, mas necessariamente polissémica.

As doze intervenções realizadas enquadram-se no seguimento de outras obras realizadas, desde 1989, com objectos industriais que tenho explorado regularmente com uma atitude, talvez, pós-Pop, porque como já anteriormente disse: "...não pretendo esconder as desgraças que vão pela Terra, porque essas estão sempre a saltar-nos para cima, mas proponho-vos uma visão superplástica". E apesar da efemeridade e do carácter eminentemente estético destas construções, os quatro subtítulos propostos, e explicados a seguir, acabam por provocar um contexto conceptual de referências também políticas:

- "**Muro de Lisboa**", como o mítico "The Wall", tema dos Pink Floyd, como o Muro de Berlim ou com tantos outros muros que separam as comunidades em conflito, como o actual muro entre Israel e a Cisjordânia. Mas a instalação do "Muro de Lisboa" nas praias do Algarve provoca outras leituras possíveis, nomeadamente: será ele uma metáfora à separação de Lisboa, por excesso de centralização político-administrativa, do resto dos pais ou uma referência irónica ao excesso de construção civil ao longo da faixa costeira algarvia?

- "**Ponte de África**" no Algarve, possível símbolo do projecto utópico da circulação mais livre entre estes continentes, tão próximos e tão afastados. Porque historicamente o Sul da Europa está próximo geograficamente mas tem eternos conflitos com o Norte de África quer económicos quer religiosos e continua na actualidade com tantos problemas motivados pela emigração.

- "**Porta da Europa**", que evoca todos os sonhos convocados pela integração Portugal na União Europeia e os respectivos

problemas/frustrações subsequentes e as muitas portas que há por abrir nessa “comunidade”.

- **“Ponta da América”**, que aqui é um trocadilho e metáfora das tendências dominadoras dos EUA nesse continente e no Mundo e também a referência à desigualdade das relações dos EUA de Portugal, em que sempre se pretende usar o território português como entreposto para outra paragens, mas com pouco interesse em construir “pontes” de dois sentidos. Explorei livremente os quatro temas sem esquecer nunca que estava a intervir também cromaticamente na paisagem e assim a regressar aos problemas básicos da pintura com a especificidade de o fazer num contexto espacial e de intervenção paisagística. Devido às características performativas do projecto cada intervenção foi sempre diferente em cada lugar, pelas condições particulares do terreno, devido às condições climáticas e à interacção com as pessoas presentes nas praias, possibilitando o multiplicar do número e das características específicas das construções em cada sítio.

Com este trabalho continuei à procura do caminho para um lugar perfeito / utópico... e constatei que a sensibilidade das pessoas aliada à vontade de conhecer/criar outras realidades, transforma os espectadores em agentes activos e que a obra inicialmente projectada se pode transformar em *happening* inesperado e num desenho colectivo no espaço.

Outono de 2008

Xana

(mais informações em www.xana.tv)